

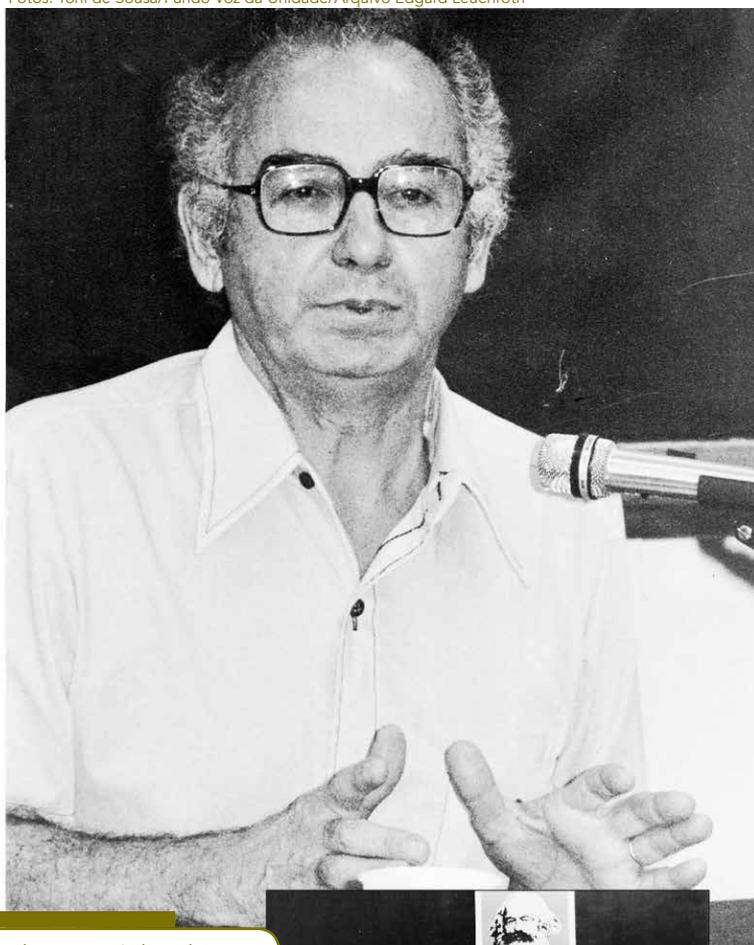
Octavio Ianni: o Brasil nas tramas da globalização

Octavio Ianni:
Brazil in the plots of globalization

Francisca Eleodora Santos Severino*

DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2020.160.015>

Fotos: Toni de Sousa/Fundo Voz da Unidade/Arquivo Edgard Leuenroth



Ao lado de Mário Schemberg, Octavio Ianni fala durante a Semana Karl Marx, realizada em março de 1983 em São Paulo



RESUMO

O ensaio tem por objetivo recuperar a contribuição teórica e metodológica do sociólogo Octavio Ianni, considerando-se a relevância de suas análises e reflexões, de base marxista, sobre sociedade e política no capitalismo contemporâneo. Caracteriza esta proposta a utilização dos conceitos de globalização, cidadania, classe social, políticas públicas e mudança estrutural. Trata-se de análise bibliográfica no campo das “experencialidades sociais, enfatizando assim o caráter social” como afirma Barbier. Entretanto estabelece-se um diálogo entre as diferenças ideológicas do materialismo histórico assumidas por Ianni e a proposta da metodologia das experencialidades sociais de Barbier. Destacam-se da obra de Ianni temas relacionados à formação nacional do Brasil e à temática da subordinação do país às agências econômicas internacionais. Reconhece-se a magnitude de sua contribuição ao debate sobre política e relações internacionais no contexto da globalização.

Palavras-chave: Classe social. Sociedade brasileira. Globalização e cultura.

ABSTRACT

The essay aims to recover the theoretical and methodological contribution of the sociologist Octavio Ianni, considering the relevance of his analyzes and reflections, based on Marxism, on society and politics in contemporary capitalism. This proposal characterizes the use of the concepts of globalization, citizenship, social class, public policies and structural change. This is a bibliographic analysis in the field of “social experiences, thus emphasizing the social character” as stated by Barbier. However, a dialogue is established between the ideological differences of historical materialism assumed by Ianni and the proposal of Barbier’s methodology of social experiences. The highlights of Ianni’s work are themes related to Brazil’s national formation and the subject of the country’s subordination to international economic agencies. The magnitude of his contribution to the debate on politics and international relations in the context of globalization is recognized.

Keywords: Social class. Brazilian society. Globalization and culture.

INTRODUÇÃO

Há pouco mais de dois meses descobri a presença inconfundível do sociólogo Octavio Ianni na formação política e profissional de um jovem casal de professores do ensino médio, educadores que atuam na cidade de Itatiba, no interior de São Paulo. A professora havia recebido, poucos anos passados, o Prêmio Jabuti, em reconhecimento da sua organização e escritura de coletâneas de livros paradidáticos.

Reconhecendo que a honraria devia ser estendida àqueles que participaram de sua formação sociológica e política, a professora convida colegas e antigos professores para um sarau literário. O casal, nesse encontro, pretendia socializar os méritos com quem lhes havia apresentado os temas relativos ao fenômeno da globalização econômica, que, no ano de 1989, já anunciava a educação como expressão de uma mercadoria, a circular no mercado capitalista pelas mãos daqueles que em futuro próximo seriam os grandes proprietários de conglomerados destinados a produzir educação não apenas como uma banal mercadoria nas mãos dos empresários da área, mas também como um dos primeiros elementos mediadores de nossa subordinação política às grandes instituições financeiras (Banco Mundial, FMI, OMC) que gerenciam a economia global.

Mudanças estruturais e abissais se anunciavam mediadas pelo fenômeno da globalização, que sem nenhuma cerimônia avançava sobre o processo de modernização econômica de desenvolvimento retardatário, enigmático e obscuro para a grande maioria dos brasileiros, o que trazia à memória uma brilhante aula de Sociologia que acontecera em um curso de pós-graduação na PUC-SP. Nessa aula, o professor Octavio Ianni, para perplexidade dos alunos, introduziu um tema totalmente desconhecido, qual seja o tema da globalização em países de desenvolvimento retardatário e desigual.

Fui aluna de Octavio Ianni no ano de 1985 na PUC de São Paulo. Ele fora o responsável pela minha entrada no curso de pós-graduação em Ciências Sociais em 1982, ao me entrevistar e me aprovar para a área de Sociologia. Ao longo do meu curso de mestrado na PUC-SP, Ianni foi meu mentor teórico quando assumi a cadeira de Teoria Sociológica, dividida em quatro módulos, no curso de pós-graduação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Iniciei-me na carreira docente imitando meus dois grandes mestres: Florestan Fernandes e Octavio Ianni. O professor Ianni ainda me avaliaria nas bancas que me titularam mestre na PUC e, posteriormente, doutora na USP.

Pelos descaminhos da vida acadêmica, o professor Ianni, embora tenha me aprovado como sua futura orientanda, não foi oficialmente meu orientador; todavia, tendo-me como aluna ou mesmo pelas conversas de corredor, ele sempre me deu valiosos conselhos teóricos e metodológicos, além de uma sofisticada e atualizada bibliografia no âmbito da economia política, desdobrando assim meus conhecimentos também para a cultura brasileira.

Devo aos dois grandes mestres Florestan Fernandes e Octavio Ianni minha profissionalização como socióloga, e deles guardo exemplos de integridade ética e

compromisso social. Esses dois intelectuais foram de uma geração que consolidou as ciências sociais no Brasil, promovendo desdobramentos das obras de Caio Prado Júnior e Werneck Sodr e e com isso permitindo o desvelamento do Brasil, um país quase desconhecido. Pioneiros no campo de pesquisas sociológicas, eles introduziram com maestria a sociologia de cunho materialista histórico e dial tico no país. Ianni, tal como Florestan, assumiu um traço peculiar intrínseco   condi o de intelectual marxista; eles ensinaram que a atividade de pensar deve-se vincular ao compromisso de soerguer a condi o humana dos despossuídos.

O PIONEIRISMO NA ANÁLISE DA GLOBALIZA O

Ianni e Florestan tiveram e têm hoje grande importância não apenas no campo das ciências sociais no Brasil. Eles ajudaram a edificar os fundamentos do desenvolvimento do campo científico educacional e foram fundamentais na constru o de uma universidade pública no país; seu compromisso e seus ensinamentos desdobram-se por toda a América Latina, aportando também em países como Portugal e ex-col nias de língua portuguesa. No período ditatorial, Ianni foi professor de Sociologia na Universidade Nacional Aut noma do México. De l , trouxe grandes ensinamentos apreendidos pelo processo revolucionário de cunho popular e também experiência e exemplos da grande crueldade que marcou a ferro e sangue o povo mexicano; acima de tudo, trouxe o exemplo da força revolucionária dos grandes teóricos do marxismo. Contudo, a utopia e a poesia sempre fizeram parte de seus ensinamentos. Assim ele dizia:

Nesse sentido   que algumas obras tornam-se marcantes, excepcionais ou clássicas, revelando-se como se fossem sismógrafos nos quais ressoam configura es e movimentos da realidade do imaginário, apreendendo premonitoriamente o que a maioria, ou todos, ainda não perceberam. Esse o clima em que se revela que a intui o, a paixão e a imagina o estão presentes em narrativas artísticas, científicas e filosóficas (IANNI, 2004, p. 26).

Entre os grandes nomes que marcaram o cenário da intelectualidade nacional, Ianni e Florestan figuram como chaves para a compreensão sociológica da sociedade brasileira e, no caso de Ianni, também para a compreensão sobre a inser o do Brasil na sociedade global.

No ano de 1989, surpreendentemente a educa o ocupou grande parte dos debates de outro curso de p s-gradua o, denominado “Globaliza o e cultura: sociologia da mudança social”. Em 1986, comecei a dar aulas na Escola de Sociologia e Política de São Paulo; empolgada pelo tema da mudança global e seguindo seus passos, em 1989, quando fui convidada para gerir a cadeira de Sociologia na ESP, propus o curso *lato sensu* acima referido. Tal curso destinava-se, para além da forma o sociológica, a suprir as lacunas pedagógicas com a fun o de colocar no mercado de

trabalho professores de História e de Ciências Sociais. Acontecia aos sábados nas dependências da tradicional Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e tinha como eixo teórico e norteador *O Capital*, de Marx, alguns textos das *Obras escolhidas* de Marx e Engels e excertos das *Obras escolhidas* de Lênin, entre outros, além da obra de dois dos maiores sociólogos brasileiros, Florestan Fernandes e seu fiel amigo Octavio Ianni. Lia-se também a obra de educadores brasileiros nas disciplinas destinadas à formação pedagógica: Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando Azevedo, José Mário Pires Azanha, Dermeval Saviani. A obra de Florestan subsidiava teoricamente a análise dos processos revolucionários e mudanças abissais preanunciadas por Marx no *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848, e que se apresentavam como um espectro rondando as economias do Terceiro Mundo.

De fato, um tema econômico de grande interesse sociológico despontava e se fazia reconhecer pelo nome de globalização. Perplexos, alunos de pós-graduação no curso de Ciências Sociais estavam sendo premidos pelos fatos a expandir seus conhecimentos e estudos para além dos estudos monográficos que abordavam vida e obra dos pensadores clássicos que fundamentavam o nascimento das Ciências Sociais e a ruptura com o humanismo filosófico do Iluminismo, até então estrela máxima do universo das ciências humanas. Mal tínhamos absorvido e metabolizado os desafios colocados em pauta pelo *Aufklärung* alemão e o Iluminismo francês e, desafiadoramente, aparecia no cenário a malfadada globalização, que como uma vaca louca avançava pelo terreno pantanoso da América Latina em processo de modernização conservadora e retardatária. Foi assim que, naquele ano de 1989, sob a orientação de Octavio Ianni, iniciávamos pesquisas e reflexões sobre a desconhecida globalização.

Em aulas, palestras e escritos sociológicos, ele se revelava uma figura-chave do pensamento social do país por explicitar grande conhecimento da sociedade brasileira e de sua inserção na sociedade global. Dono de refinada e apaixonada ironia, Octavio Ianni estava entre os primeiros intelectuais brasileiros a pesquisar, pensar e decodificar as artimanhas do processo de mudança global.

Dotado de humildade e generosidade, Ianni manteve seu sonho utópico até os últimos dias. Mesmo vitimado por um câncer, manteve-se fiel ao seu projeto de pensar o mundo produzindo pesquisa. Até quatro dias antes de sua morte, ensinou Sociologia. Nos últimos anos, dedicou-se às políticas de ação afirmativa e ao acesso de estudantes oriundos das escolas públicas à universidade. Acreditava na interconexão entre ciência e arte e era um incansável pesquisador também desse tema, entre muitos outros que mereceram atenção no decorrer de sua existência. Ele foi um homem simples, mas de raciocínio sofisticado.

Nasceu em Itu (SP) em 1926 e morreu em São Paulo em 2004. Oriundo de uma família camponesa de origem italiana, Octavio Ianni formou-se em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo em 1954, e logo integrou o corpo de assistentes da cadeira de Sociologia, da qual Florestan Fernandes era titular. Tinha um irmão mais velho, Constantino Ianni, que foi economista. Cons-

Um tema econômico de grande interesse sociológico despontava e se fazia reconhecer pelo nome de globalização

tantino escreveu o livro *Homens sem paz: os conflitos e os bastidores da emigração italiana* (1ª ed.: 1963; 2ª ed.: 1972). Nessa obra há pistas que são também uma preocupação das pesquisas de Octavio Ianni.

O foco da obra de Constantino está no fato de que, desde a segunda metade do século XIX até os anos 1960, a República Italiana fez da emigração de seus cidadãos uma política de Estado. Enquanto o enfoque de Constantino firma-se na economia, Octavio Ianni vai além e desdobra sua preocupação para a formação do Estado nacional brasileiro, que tem suas raízes no mundo agrário. Exemplo disso é seu trabalho de pesquisa que fundamentou o livro *Origens agrárias do Estado brasileiro* (1984). Nesse livro, o centro de sua reflexão está na necessidade de demonstrar um movimento retroativo que transforma um segmento da classe operária italiana, formada por cidadãos emigrados, em camponeses paulistas.

Embora os registros de emigração italiana não mencionem as fazendas de café do interior de São Paulo, é para lá que é dirigido o grosso da primeira emigração italiana para o Brasil no final do século XIX e início do século XX. Compreende-se dessa forma a existência de dois diferentes tipos de emigração italiana para o Brasil: a primeira constitui-se de braços para as fazendas de café em São Paulo, e a segunda, para a colonização do sul do Brasil, um pouco mais tarde.

Pode-se inferir que os pais de Octavio e Constantino teriam vindo do norte da Itália em decorrência de um processo de industrialização que deixou sem emprego os agricultores locais que completavam sua renda com trabalho artesanal. Sem ter mercado para vender seus produtos, uma vez que não podiam competir com os produtos fabricados pelas indústrias de outros países europeus, os trabalhadores do norte da Itália emigraram para o Brasil, na primeira leva, até as fazendas de café de São Paulo, no período compreendido entre 1860 e 1914.

Nos últimos anos de vida, Ianni preocupou-se com as políticas de ação afirmativa e o acesso de estudantes oriundos das escolas públicas à universidade. Ele acreditava firmemente no poder transformador da pesquisa; assim, como aprendiz e mestre, sempre colocou o resultado de suas investigações e seu conhecimento a serviço da construção nacional, introduzindo na universidade pública, juntamente com Florestan Fernandes, uma prática acadêmica democratizante.

Octavio Ianni não abria mão do conceito de totalidade, noção que define conceitualmente a dialética da relação tensionada entre a parte (Brasil) e o todo (nova ordem mundial), indissoluvelmente ligados, ou ainda entre o particular e o universal

DESSENDANDO O LABIRINTO SOCIAL BRASILEIRO

Para a compreensão do pensamento sociológico de Octavio Ianni, é preciso esclarecer preliminarmente algumas questões essenciais. A primeira questão diz respeito à sua opção teórico-metodológica, e a segunda diz respeito à sua atuação política, imbricada nessa escolha.

Não se trata de uma pesquisa de cunho sociológico de matiz psicologizante, que, como recomenda Barbier (2002), pode-se denominar “experimentação social”. Ressaltar as diferenças entre a proposta metodológica de experimentação social praticada por Barbier e a do materialismo histórico abraçada com paixão e competência por Octavio Ianni é de fundamental importância, levando-se em conta que aparentemente ambas tratam de ações ou experiências prospectivas promovidas por comunidades autogeridas.

Para ambos os autores, o foco do problema está nas mudanças sociais, todavia é cada vez mais instigante seguir a reflexão de Octavio Ianni sobre o método do materialismo histórico. As diferenças radicais entre esses autores não se limitam àquelas de cunho ideológico, mesmo considerando que ambos se dedicaram à pesquisa radical, envolvendo, sobretudo, intervenção social. Enquanto Barbier (2002, p. 45) afirma se apegar à “disciplina psicológica”, Ianni repudia os aspectos psicologizantes e alienantes da experimentação social propagada por Barbier.

Contrapondo-se a essa tendência alienante da pesquisa-ação social, ele manteve-se fiel ao materialismo histórico e dele destacava os aspectos pedagógicos da ação social revolucionária. Como introdução ao materialismo de Marx, recomendava as “Teses sobre Feuerbach”, e de Engels, indicava o *Anti-Dühring*, além de *A ideologia alemã*, *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, *As lutas de classes na França* e, enfim, as leituras clássicas introdutórias ao marxismo.

Octavio Ianni não abria mão do conceito de totalidade, noção que define conceitualmente a dialética da relação tensionada entre a parte (Brasil) e o todo (nova ordem mundial), indissolivelmente ligados, ou ainda entre o particular e o universal. Pesquisando o processo de mudança estrutural no bojo das transformações globais, todo o seu esforço dirigia-se a pensar as particularidades da produção econômica e cultural brasileira (ou a parte Brasil) na interface da reflexão sobre a inserção econômica do Brasil na nova ordem mundial (ou o universal). Refletindo sobre essa questão e tendo por referência primeira o conceito de totalidade, imediatamente descobre-se a necessidade de recorrer à relação passado-presente, ou seja, o Brasil colonial referido à modernidade global.

Seguindo-se o raciocínio de Ianni, fica claro que a pesquisa sociológica não pode e não deve abdicar do materialismo histórico como método quando se trata de dar conta da complexidade e das especificidades das transformações globais.

Todavia, quando se trata de pesquisas no campo da educação ou mesmo no ensino de Sociologia da Educação, deparamo-nos com outras propostas metodológicas tidas como eficientes para dar conta de toda a complexidade das relações sociais em processo de transformação. Dentre muitas outras, a proposta de Barbier é apresentada como uma nova perspectiva, que ele chama de *perspectiva de ação existencial/integral*, a qual faria frente ao método marxista com a pretensão de atualizar esse método. A *pesquisa-ação existencial/integral* como proposta metodológica viria, segundo Cordova (apud BARBIER, 2002), retirar do segundo plano a “prática transformadora, cada vez mais distante”, que, apesar dos ensinamentos de Marx, ali havia caído, ao mergulhar “cada vez mais na elaboração de um sistema teórico e, portanto, interpretativo do mundo”.

No esforço para justificar o caráter cartesiano de seu trabalho e, em particular, de sua concepção metodológica, Barbier faz severa crítica à rigidez do cientificismo experimental de André Lévy e Jean Dubost. Marcando a diferença entre a sua perspectiva e as metodologias desses autores, ele afirma:

o que Lévy e Dubost denominam de “experimentações sociais”, retomando um termo inadequado, são antes o que eu denomino de “experencialidades sociais”, enfatizando assim o caráter existencial e não dominável com fins de pesquisa científica, frequentemente previsível, desse tipo de experiência (BARBIER, 2002, p. 44).

Por outro lado, sempre remetendo à discussão das teses de Marx sobre Feuerbach, Ianni demonstra indignação com os cientistas empiristas e funcionalistas quando, em aula, explicava o método de investigação em ciências sociais:

Aliás, a cultura burguesa trata sempre de ideologizar inclusive o produto do trabalho de cientistas sociais marxistas. A própria obra de Marx foi e continua a ser examinada e rechaçada à luz de critérios empiristas, funcionalistas ou outros, externos à sua lógica interna. Ou recorre-se ao artifício de “reconhe-

cer” os pontos em que Marx estava certo e “rejeitar” aqueles sobre os quais as evidências seriam insuficientes [...]. Nesses exemplos ou outros que poderiam ser mencionados é clara a conotação externa e ideológica da crítica. Nas obras de E. Durkheim, M. Weber, W. Sombart e J. M. Keynes, para mencionar apenas alguns nomes, encontram-se os dados desse singular diálogo com Marx. Em todos os casos é evidente o processo de ideologização do debate, problemas e procedimentos do trabalho científico (IANNI, 1976, p. 35).

O diálogo metodológico entre Barbier e Ianni teve como justificativa deixar clara a posição de Octavio Ianni em relação à sua opção pelo materialismo histórico. Mesmo que na atualidade globalizada essa opção metodológica pareça defasada e anacrônica, ver-se-á a eficácia desse método quando se tratar da temática dos dilemas e impasses impostos pelo imperialismo econômico global.

Exemplo disso tem-se na construção metodológica primorosa na qual Ianni articulou teoria e empiria para a reflexão de temas de grande complexidade, tais como a formação e transformação da sociedade brasileira na colônia estruturada em forma de castas, mas na qual, movendo-se dentro delas, os atores sociais constituídos por negros, mulatos, índios, homens, mulheres, brancos e pardos se transformam e com esse movimento transformam também as castas em estrutura de classes sociais.

Na pesquisa que deu origem a sua tese *O negro na sociedade de castas*, mais tarde publicada com o título *Metamorfoses do escravo* (1960), Ianni esclarece as metamorfoses socioculturais a que se submetem os escravos no processo que os transforma em homens livres. Em conjunto com segmentos de outras castas, eles irão compor a classe trabalhadora, a vender sua força de trabalho no nascente mercado capitalista. Ianni esclarece que, em relações sociais, os negros, antes escravos e agora homens livres, ficam à deriva, açulados pela ideologia dos brancos, que os desqualificam, formando então, no âmbito das classes fundamentais, um segmento de excluídos. Ele esclarece que a população negra e mulata no Brasil define-se como elemento importante de uma das classes fundamentais em desenvolvimento e, nesse processo, a noção de raça é fundamental para a compreensão dos motivos pelos quais há no país a ausência de simetria entre as classes fundamentais que agilizam a modernização econômica no país. A presença da raça negra é elemento importante no processo de múltiplas relações sociais que fundam aqui a assimetria das classes. Essa ausência de igualdade entre as classes em processo relacional leva à configuração de uma desigualdade perversa, pois opera como um fator de exclusão por impedir que grande parte da população tenha acesso aos bens sociais. Aqui se coloca a questão principal que orienta sua reflexão. Como romper com o círculo vicioso da desigualdade excludente se originariamente ela é estrutural?

Até seus últimos dias, Ianni militou em prol da causa revolucionária da esquerda no Brasil. Toda a sua fundamentação teórico-metodológica, que justifica uma contundente análise sobre o caráter da exploração do povo brasileiro e sua subordinação

Até seus últimos dias, Ianni militou em prol da causa revolucionária da esquerda no Brasil

ao domínio econômico e político do capitalismo no Brasil, está ancorada nas lições de Marx e Engels. A análise de Ianni esclarece que, por princípio, o capitalismo determina que a riqueza produzida pela classe trabalhadora seja expropriada e acumulada privadamente pelas classes detentoras dos meios de produção; disso decorre que toda contribuição teórica e metodológica desse autor terá um vínculo orgânico com as classes populares. Sendo assim, a outra questão, de conotação prática e política imbricada nesta, é pensar soluções para a pobreza, para os preconceitos homofóbicos e para os preconceitos raciais e étnicos. Esse pensar contribui sobremaneira ao se buscar soluções para os problemas nacionais. Contudo, impõe-se considerar os impactos do desenvolvimento econômico do capitalismo retardatário na construção do Estado no país.

Levando-se em conta as reflexões de Octavio Ianni sobre as ações promovidas por comunidades e grupos autogeridos, fica claro o modo como quilombolas, índios, camponeses, favelados e negros agem em movimentos de busca de autonomia democrática, inseridos no processo social de constituição do Estado nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecido como um dos mais importantes sociólogos brasileiros, Ianni nunca abriu mão do compromisso com a justiça social e a liberdade, traço que marcou toda a gama de preocupações que o levaram a ser figura das mais notáveis na intelectualidade nacional ao lado de Florestan Fernandes, seu antigo professor e amigo inseparável. Ampliando o horizonte da investigação sociológica, ele abarcou um grande espectro de problemas e dilemas da sociedade brasileira e latino-americana.

Por conta da especificidade de nossa colonização, por ela não ter as marcas das relações pré-capitalistas já no período colonial, Ianni afirma que essa colonização peculiar apresentava no plano mundial aspectos de uma empresa comercial. Seguindo a tradição iniciada por Caio Prado Júnior (2000), ele esclarece tratar-se de um desenvolvimento capitalista *sui generis*, marcado pelo fato de que a exploração dos recursos naturais do novo território dava-se em proveito do comércio europeu. Disso deriva que já na colonização o país apresentava características das relações globais que de fato se apresentariam 500 anos depois. Ianni sempre afirmava que o capitalismo no Brasil apresentava uma especificidade peculiar ao auferir seus recursos internos. Como empresa comercial gerida por interesses externos, o Brasil captava recursos internos que, no entanto, não eram destinados ao desenvolvimento de suas forças produtivas locais. Tais recursos estavam, desde a colonização do país, destinados ao desenvolvimento das forças produtivas das metrópoles europeias.

Ianni sempre insistia que, no plano global, o Brasil possuiria aspectos de empresa comercial internacional, cujo destino já estava definido externamente sem a sua anuência e participação. Nisso residem a grande preocupação e o eixo norteador da contribuição sociológica desse autor.

Octavio Ianni era dotado de uma humildade e generosidade extremadas. Educador incansável, levou ao limite a responsabilidade pela formação social de seus alunos e a preocupação com o destino da sociedade brasileira, com as injustiças sociais e com a necessidade de construção de uma nova ordem e uma nova forma de organização social no Brasil. Ao final da vida, demonstrou uma dedicação imensa ao ensino, à pesquisa e ao debate. Em suas análises sobre a bibliografia sociológica consagrada, ele questiona as relações étnicas de brancos, negros e índios, destacando a especificidade comportamental de cada grupo, comportamentos que fundam as relações sociais no Brasil. Esclarece que, ao definir a situação dos segmentos sociais de negros e mulatos, a raça/etnia é elemento fundante da assimetria das relações sociais. Ele destaca a consequente ausência de paralelismo entre as trocas sociais, e tal fato leva à configuração de uma desigualdade perversa que opera como fator reproduzidor da exclusão, impedindo assim que grande parte da população tenha acesso aos bens sociais.

Dentre muitos temas desenvolvidos em pesquisas, seu maior legado está na análise que fez sobre a formação do Estado brasileiro. Intrinsecamente imbricada nesse tema estava sua original análise crítica do desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Contribuição fundamental quando se trata da compreensão sociológica das relações do país com as organizações econômicas internacionais e os modos de regulação das políticas de educação no Brasil.

* Socióloga, doutora em Comunicação, docente do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe-Uninove) e pesquisadora do grupo de pesquisas "Escola Básica, Gestão e Inovação".

► Texto recebido em outubro de 2020; aprovado em novembro de 2020.

Referências bibliográficas

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2002.
- IANNI, Constantino. **Homens sem paz**: os conflitos e os bastidores da emigração italiana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- _____. **Imperialismo e cultura**. Petrópolis, v. 1, 1976.
- _____. **Origens agrárias do Estado brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- _____. **Variações sobre ciência e arte** [aula inaugural]. São Paulo: FFLCH-USP, 2004.
- PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.